

Resenha Livro: Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.

Daniela Lopes Oliveira Dourado¹, Cinara Barbosa de Oliveira Morais¹

 **ORCID IDS**

Dourado DLO - <https://orcid.org/0000-0003-4642-0919>

Morais CBO - <https://orcid.org/0000-0002-9674-8616>

RESUMO

O Livro Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia é uma obra de 207 páginas, em oito capítulos denominados por “Pistas” que são estruturados no formato de coletânea de artigos, resultado da produção de pesquisa dos professores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro orientadas pelos fundamentos teóricos de Gilles Deleuze e Félix Guattari a partir da obra Os Mil Platôs publicada em 1995. Apresenta um diálogo metodológico que discute sobre as lacunas das pesquisas quantitativas e qualitativas, visto que ambas podem constituir práticas cartográficas, desde que garantam acompanhamento de processos. E neste ponto tem-se o principal fundamento sobre a pesquisa com base no método da cartografia social, quer dizer, o processo da investigação orientado por um método igualmente processual. A perspectiva da obra não é definir regras ou protocolos de passos metodológicos de pesquisas, traz diversos estudos que apresentam pistas para o entendimento sobre a cartografia social que respeita as especificidades da autoria e dos diversos contextos de investigações. Por fim, seus artigos oportunizam a compreensão da expressão do método na prática com articulação teórica da pesquisa-intervenção, entendendo que, exprimem parâmetros importantes para todos que queiram compreender o método cartográfico e desenvolver pesquisa nesta fundamentação metodológica, como pesquisadores, professores e estudantes de graduação e pós-graduação das diversas áreas implicadas com as ciências sociais.

Palavras-chave: Resenha. Metodologia da Pesquisa. Cartografia Social

¹ Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Autor Correspondente: dannylopes11@gmail.com

Recebido em 04 de Fevereiro de 2020; Aceito em 14 de Abril de 2020.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (horas.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

O Livro “Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade” organizado por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia é uma obra de 207 páginas, em oito capítulos denominados por “Pistas” que são estruturados no formato de coletânea de artigos, resultado da produção de pesquisa dos professores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro orientadas pelos fundamentos teóricos de Gilles Deleuze e Félix Guattari a partir da obra *Os Mil Platôs* publicada em 1995.

Apresenta um diálogo metodológico que discute sobre as lacunas das pesquisas quantitativas e qualitativas, visto que ambas podem constituir práticas cartográficas, desde que garantam acompanhamento de processos. E neste ponto tem-se o principal fundamento da pesquisa com base no método da cartografia social, quer dizer, o processo de investigação orientado por um método igualmente procesual. A perspectiva da obra não é definir regras ou protocolos de passos metodológicos de pesquisas, mas trazer diversos estudos que apresentam pistas para o entendimento sobre a cartografia social que respeita as especificidades da autoria e dos diversos contextos de investigações.

A apresentação da coletânea esclarece a designação de Rizoma como princípio para compreensão da cartografia. Sua interpretação configura uma nova relação com o método, rompendo com a visão cartesiana, provocando a apreensão de novas dimensões para o desenvolvimento de pesquisas. A proposta rizomática possibilita a percepção da realidade sobre uma cartografia em movimento, sem centro, sem direção única, sem hierarquia, sem direcionamento imposto. Nesta perspectiva, ocorre a inversão da representação do meta-*hódos* em *hódos*-meta, a saber, o método para ser experimentado com atitude, ressignificado e rigor. Também denota a memória histórica das discussões no Brasil a partir da visita de Félix Guattari em 1982, compondo suas andanças pelo país, mapeando os processos e movimentações dos

contextos da micropolítica e a constituição das relações de fuga sobre temas que tensionavam mudanças sociais e tornaram-se referências para inúmeras experiências construídas, contribuindo para evolução de estudos e pesquisas que ampliaram as discussões e resultados sobre a cartografia nacionalmente.

A primeira Pista, “A Cartografia como método de pesquisa-intervenção”, de autoria de Eduardo Passos e Regina Benevides, orienta o leitor sobre o percurso da pesquisa. Afirma que “toda pesquisa é intervenção”, esclarece o caráter dos processos de pesquisas cartográficas, sem separar o conhecimento da experiência e a teoria da prática. Em suma, a pesquisa se configura na caminhada do percurso orientado pelo plano da experiência e intervenção, que transforma a realidade ao modo que a compreende, num processo dinâmico na relação dos efeitos sobre o objeto, o pesquisador e a produção do conhecimento, rompendo com a formatação conservadora de conhecer para depois transformar.

A Pista 2, “O funcionamento da atenção no trabalho cartográfico”, de Virgínia Kastrup, aborda o cuidado com a Atenção no processo da pesquisa, conceituando o termo em S. Freud (1912/ 1969), H. Bergson (1897/1990) e no campo das ciências cognitivas contemporâneas. Expõe uma importante contribuição para o desenvolvimento de pesquisas cartográficas, visto que, esclarece que a atenção cartográfica é um trabalho criativo e inventivo, pois tem o papel de fazer emergir um mundo que já existe de modo virtual e que ao produzir conhecimento sobre a realidade reconfigura o território observado. Assim, sua constituição exige consciência teórica que orienta a atenção. As ciências cognitivas discutem duas modalidades, a seletiva e a flutuante. A atenção cartográfica é flutuante, concentrada e aberta e pode ser inibida pela atenção seletiva, desta forma, a orientação teórica solicita cuidado para que o pesquisador não se perca durante o processo de pesquisa, pois segundo Freud (1912/ 1969) deve-se “prestar igual atenção a tudo”, ao modo que, a atenção flutuante possibilita o conhecimento sobre aquilo que não está óbvio e evidente, mas que se encontra lá para ser percebido. O texto apresenta quatro variedades da atenção do cartógrafo: o rastreio, o toque, o pouso e o conhecimento aberto, que auxilia na elaboração de pesqui-

sas estruturadas pela atenção cartográfica.

A pista 3, escrita por Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup, explicita que “Cartografar é acompanhar processos”. Favorece o entendimento do processo, sua organização, participações e envolvimento, dispositivos e registro. Esclarece que cartografar promove quebra de paradigmas sobre a representação do saber e fazer ciência. A distinção entre a ciência enquanto dispositivo experimental e a cartografia orientam uma nova forma de fazer pesquisa, compreendem as diferenças e propõem a abertura de espaços de novas discussões e encaminhamentos para entendimento das arestas das pesquisas nas ciências modernas. É preciso acompanhar processos inventivos que produzam subjetividade. Consequente, esta pista encontra na pesquisa etnográfica elementos que a aproximam da cartografia. Já que, é necessário na aproximação do campo de pesquisa uma postura participante do pesquisador para vivenciar a realidade de dentro, acompanhando os contextos internos e externos entendendo as representações singulares do território observado. Dialoga sobre a produção de dados como processo da ação da cartografia e a escrita do texto auxiliado pelo diário de campo e da produção coletiva representada pela presença daqueles que vivem e produzem conhecimento no território observado.

A pista 4, produzida por Virgínia Kastrup e Regina Benevides de Barros, “Movimentos funções do dispositivos na prática da cartografia”, elucida que os dispositivos são aliados do processo inventivo do pesquisador e seu papel na produção de efeitos a partir de uma série de práticas de funcionamentos, uma vez que, o trabalho da cartografia não supõe elementos prontos com técnicas determinadas de pesquisa: é preciso estabelecer na caminhada os dispositivos que oportunizem acompanhar a produção de subjetividade. Apresenta a indicação Deleuziana para o desembaraçamento das linhas que compõem os processos de criação e trabalho do investigador, sendo elas, linhas de visibilidade, de enunciação, de força e de subjetivação. Indicam as características de regularidade no funcionamento de dispositivos na cartografia: a articulação da repetição e a variação, e as duas dimensões indissociáveis: a pesquisa e a intervenção.

A pista 5 dialoga sobre “O coletivo das forças como plano de experiência cartográfica”, de Liliana da Escóssia e Silvia Tedesco. Essa pista indica a cartografia como prática de um plano coletivo de forças. Nesse sentido, infere que esse plano de forças é desconsiderado pelas perspectivas tradicionais, mas revela a gênese constante das formas empíricas dos processos de produção dos objetos do mundo, do qual estão os efeitos de subjetivação. Coloca a cartografia como um processo de conhecimento que se preocupa em traçar o movimento próprio no decurso constante de produção e como prática de intervenção. Nessa direção, aborda um duplo movimento no plano de forças: a noção do coletivo transindividual definida pelas ciências humanas e sociais para as práticas de pesquisa; a segunda, de natureza empírica, como estratégia ao exercício do conceito de coletivo, como plano efetivo da experiência do conhecer/fazer próprio da cartografia e da pesquisa-intervenção.

Eduardo Passos e André do Eirado apresentam a pista 6, “Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador”, que discute a cartografia como direção metodológica enfatizando três ideias: de transversalidade, de implicação e de dissolução. A transversalidade designada por Guattari (2004) como princípio metodológico dá direção a uma experiência de comunicação que faz variar os pontos de vista, mais do que os abolir. O conceito de transversalidade indica uma direção metodológica em que a pesquisa se faz como intervenção, daí se dá a implicação da produção de conhecimento, da qual se refere Lourau (2004a; 2004b; 2004c; 2004 d), o que exige análise da implicação. A implicação cria o constrangimento para quem defende a neutralidade, pois na análise da implicação há uma crítica. Com intrigante desfecho, essa pista conclui abordando a dissolução do ponto de vista do observador na controvérsia da observação sem ponto de vista. Numa posição paradoxal, a cartografia corresponde à possibilidade de habitar a experiência do observador sem estar amarrado a nenhum ponto de vista, inclusive cabe a essa dissolver o ponto de vista do observador sem, no entanto, anular a observação. Essas condições são a performatividade da experiência e a inseparabilidade entre ser (existir, viver), conhecer e fazer (intervenção). Dessa feita, o cartógrafo acompanha essa emergência do si e do mundo na experiência e lança-se na experiên-

cia, não estando imune a ela.

“Cartografar é habitar um território existencial” corresponde a pista 7, de Johnny Alvarez e Eduardo Passos. Denota que cartografar é sempre compor o território existencial, engajando-se nele, colocando o cartógrafo na condição de aprendiz. O campo territorial é descrito como aquele que não tem a identidade de suas certezas, mas a paixão de uma aventura, o que não significa um salto no escuro, mas um lançar-se ao cultivo de uma experiência implicada. Exige um mergulho no território em que se perdem as certezas, mas se encontram os modos concretos e singulares de expressão muito mais plural e rica, que exige na experiência, construir um território de um saber “com” e não “sobre”. Assim, conhecer, nessa perspectiva, pressupõe o “endereçoamento” ou a relação de mutualidade, que entrelaça sujeito e objeto da pesquisa, e por essa razão a cartografia pressupõe habitar um território, o que prescinde um processo de aprendizado. O aprendiz-cartógrafo vai percebendo que não há outro caminho para o processo de habitação de um território senão aquele que se encontra encarnado nas situações. O texto é concluído ressaltando sobre o acolher e ser acolhido na expressão entre o sujeito e objeto, o pesquisador e o pesquisado, o eu e mundo, e que conhecer, agir e habitar um território não são mais experiências distintas umas das outras.

A Pista 8 de Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros, aborda a temática: “Por uma política da narratividade”. Evidencia a preocupação metodológica nas narrativas como procedimento e provoca a reflexão sobre política de narratividade, onde os dados coletados das pesquisas, a partir de diferentes técnicas (entrevistas, questionários, grupos focais, observação participante) indicam maneiras de narrar. Enfatiza o quanto a escolha desta posição, a narrativa (*ethos* da pesquisa) não pode ser desarticulada das políticas que estão em jogo como: políticas da subjetividade e políticas cognitivas. Nesse sentido, expõe que se pode pensar a política da narratividade como uma posição que se toma quando, em relação ao mundo e a si mesmo, demarca uma forma de expressão do que se passa, do que acontece, definindo o conhecimento, não apenas teórico, mas também político. Uma política na lógica cartográfica aumenta

o grau de transversalidade. E, se é assim, a pesquisa toma o seu objeto nessa interface entre a clínica e a política, entre a atenção e a gestão como intervenção em dois procedimentos narrativos: redundância e desmontagem.

As oito pistas articuladas nesta obra não representam uma indicação linear e rígida para o desenvolvimento de pesquisas orientadas pela cartografia social. Ao contrário, expõem diálogos e parâmetros apresentados por pesquisadores que transformaram suas experiências em resultados teóricos – práticos e que oportunizam a aproximação de quem deseja realizar investigações ou conhecer a cartografia social. Permitem a busca daqueles que compreendem que é preciso outras possibilidades de pesquisa sobre realidades e territórios que carecem ser habitados com olhar coletivo, participativo e subjetivo junto com seus habitantes, percebendo suas dimensões, reações, contextos, conexões implicadas no território existencial em que o pesquisador cartógrafo atua em processo contínuo de aprendizagem.

Expõe que toda experiência cartográfica promove pesquisa-intervenção, e que é preciso atenção sobre o olhar criativo e inventivo, acompanha processos, mais do que representa estados de coisas; intervém na realidade mais do que interpreta; implica e monta dispositivos; representa a prática de um plano coletivo de forças; dissolve o ponto de vista dos observadores e constrói narrativas. Consequentemente, o método da cartografia implica a aposta ético-política no modo de dizer e na expressão dos processos de mudança de si e do mundo.

Por fim, seus artigos oportunizam a compreensão da expressão do método na prática com articulação teórica da pesquisa-intervenção, entendendo que, exprimem parâmetros importantes para todos que queiram compreender o método cartográfico e desenvolver pesquisa nesta fundamentação metodológica, como pesquisadores, professores e estudantes de graduação e pós-graduação das diversas áreas implicadas com as ciências sociais.